



11

natalie mess

ZINE APANH
ADÃ O DE COI
SAS ESCRITA
S DO IDEIRAS
DESENGAVE
TAMENTO SEI
LÁ

É O QUE É
PRA ALÉM DO QUE
DEVERIA SER

SUBJETIVIDADES DE
OUTROS TEMPOS EM QUE
ERA POSSÍVEL SENTIR A SI
MESMO

daqueles que se unem

perverso por verso versátil projeto tátil ágil em verso em sexo há linguagem
ora língua ora imagem há um mar escoando dos vãos onde a língua tange e
os dedos invadem substâncias etéreas evaporam de nossos poros fissuras
abertas e como por osmose eu te sinto essa poeira que de você vaza me
invade e eu sou você você me é tão estranho nem daqui nem de lá a poesia
desgraçada que escoar nos seus dedos é de outro lugar sacro protegido com
gosto de Deus tudo que você fala é reza você me pariu do seu ventre eu
provei do seu gosto e me senti finalmente um pouco luz um homem um feto
um projeto me pareço com você tenho seus olhos vejo o que você vê e é
tudo lindo

pra que chorar?

não lembro das coisas

memória precisamente manipulada
fio que tece milimetricamente o tecido afetivo
solta e delicadamente envolve minha cabeça
a puxando com uma força animalesca
golpeando contra a parede
centenas e repetidas vezes
o crânio racha
memórias represadas inundam o recinto
junto com outros líquidos
água, sangue, pus e etc.

questiono minha sanidade diariamente

quatre consonnes et trois voyelles

;1;
armações de seda, fibras proteicas
somos todos fiandeiros
tramando tecidos
com falsas verdades
do nossos fartos abdomens
um dia iríamos ceder
e sabemos do fato por tempo demais
[]
pequeno quatre consonnes et trois voyelles
volto quando minha face tomar a forma
esculpida pelas línguas que te envolvem
você se esquecerá dos meus cabelos vermelhos
minha casa repleta de instrumentos
eu já tenho idade pra nunca mais esquecer
das gotas de água sobre seus cílios
do peso da sua cabeça sobre meus ombros
dos seus pés de telefone
pés de telefone
//
dos requerimentos:
compreensível
complascente
justa
madura
leve
aprazível
crítica
sensível
torturada constantemente pelo passado
antecipando constantemente o futuro
-
eu deveria ser o suficiente
entre erros e as subsequentes plasticidades
que propulsam-se dos erros;
não há mal profundo
cuja reparação equivalente seja a solidão
entretanto essa tem sido a única moeda de troca
que eu podia oferecer
-- sempre apática as demais questões --
você sempre quis saber
a minha maior expectativa
a pequena energia que me movia
pra me privar no momento mais oportuno
-
com o passar dos anos
eu aprendi a perder,
ou não tive mais nada
a perder.
.....

fura
fura
até
atingir
a cavidade mais funda
o limite
sem extremidade
o que vem
da úlcera mais dolorida
será que explode
será que explode
será que explode
-
esse é o limite
eu não explodi
só me desmanchei
quatro dias depois
enquanto você ria
com dentes de faca

inferno

primavera
e eu vi o inferno.

ele tinha o seu rosto

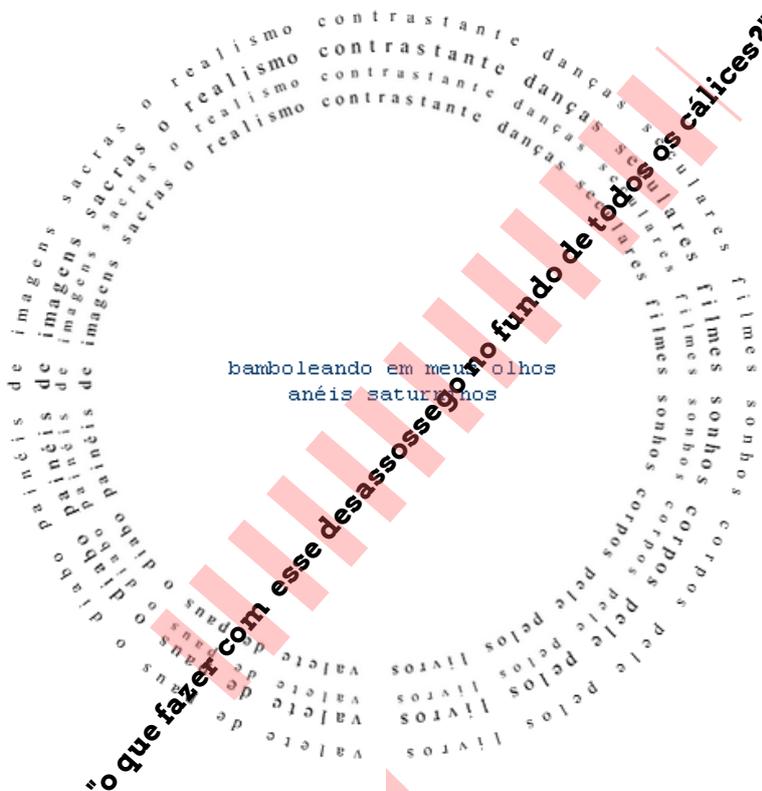
na boca
o umbral
o azedume
o seu gosto.

nove
circulos
tal qual
DANTE

nove
degraus
tem
seu
corpo

da cabeça
eremita
percorro
a língua
até os seus
pés

encontrei respostas?



havam perguntas?

revisito a dor
ANESTESIADA

nada é latente.

emoções esmaecidas
letargia
pouco a pouco
viram nuvens...

naturalmente
você invade

episódico

distante

apático

até não ser possível
revivê-lo com verdade

memórias morrem
no tempo

eu vivo

[percebo-me viva]

**podia ser pouco ou óbvio
mas é o que é
e me custou sê-lo**

quando a primavera chega
a a roda da fortuna se apresenta
me questiono
o que mais há de vir?

**nada
as coisas apenas passam**

olhar de quinta-feira

gota de sangue
em base translúcida
desfaz e expande
formas fluidas
sombras
fumaças
entidades metafísicas

|assim sua presença se faz sentida

num calor súbito

penetrando os poros do meu rosto|

essa é a coisa do olhar

[[do seu olhar]]

oportunista

vê nas brechas do descuido

um alimento

lança o olhar furtivo

no momento preciso

onde o calor é denúncia

denunciando o movimento

//um calor nunca é calor com o fim em si mesmo

rotação dos olhos rumo ao encontro

arde como a mira certa para o sol

na sede de quem busca o horizonte adiante do raio

o que há depois do brilho

se é possível ver fissuras sob a crosta

se é possível um contorno preciso

se é possível

//////////

inspiro profundamente

num reencontro comigo mesma

explode

um naipe de cordas

de uma singeleza harmônica

etérea e orgânica

em movimentos sincrônicos

expressivas dinâmicas

uma voz aguda e precisa

corta dentre a atmosfera

sorrio

sábia é minha mente

que me retira da órbita

no momento preciso

de sumir

olhar de quinta-feira

a noite é essa cadência cíclica
gira
tal qual a gim
que tomo
naquele bar miserável
que não me dá uma Ypióca de aniversário
gira,
como um violão dedilhado
voz reverberada no espaço
pergunto
what do I see in your eyes?
besides my reflection hanging high

sem resposta
a vida dissolve, outros assuntos invadem
duas pessoas choram sobre meu colo
duas outras riem até o espasmo muscular
o sono e a noite embriagam
o vento gelado na espinha
semi verdades na mesa
olho pra lua e concordo com ela
e com você
é preciso respeitar o tempo
saturno está em casa
e eu também
e desse encontro eu não espero nada
sorvo apenas o que pode oferecer
jamais o que poderia ser oferecido
por quê o que poderia ser oferecido
é isso que se oferece
nesse instante
[corte]

depois daqui não há mais nada
penso pela última vez antes de cair no sono
que você está certo
mas eu nunca estive errada
aqui se encerra a madrugada
depois daqui é apenas sonho

o último elemento conectivo

sua língua desenha caminhos do espesso visco que parte dentre minhas
pernas;

é doce _ você diz

eu choro

muito pelos dedos percorrendo estrias em raízes e a dobra que ao ser
descoberta se mostra mais extensão de corpo

não ignora
dança junto
você não tem medo de pele
(?)

o corpo todo transa
eu já não sei os limites
entre sexo e tudo que não o é

((((((mas sem compromisso))))))

só uma percepção do gozo
estado de gnose
diante do mistério da alteridade

nas estocadas você só sabe que eu existo porquê eu me faço existir

através do som

projeta um intento na minha espinha dorsal
uma serpente que come vícios
na penetração final
sela esse sigilo com um gozo áspero
um jeito delicado doloroso e certo
de nos despedirmos

google translator

foder – traduz para latim – irrumabo
irrumabo – traduz pra português – gobs
gobs – traduz para o latim – irrumabo

a precariedade da linguagem se dobra ante a experiência

fodere em português
tradução e definição
"fodere"
, latim-português
dicionário on-line
fodere type: verb;
cavar { verb }
escavar { verb }
excavar revolver { verb }
secundum illam villici infidelis sententiam :
« *Fodere non valeo, mendicare erubesco* »

a arqueologia transcendente
que reside nos lábios
– cave e sinta
a sinestésica experiência de ser dentro de outro ser
as semi mortes que residem na descida
– é um rapto
já foi contado pelo mortos
aconselhados pelos sábios

vê minha epiderme como terra firme
cílios – nariz – hálito
deixe rastro de saliva
e tua pele na saída

oEGOestralanu

sonho normais domingo agudo eterno e inóspito limitada expansão
comedida expressão tímida alegria filtrada juventude eterna amores
anêmicos inconsoláveis endêmicos refletidos dissecados abraços
apáticos abraço espelho espelho agradável natureza jovem bela e vil
presença impacto provoque transforme transtorne que em você eu
encontre tudo que me falta ainda que me falte tudo em você
transmuto qualquer coisa vulgar e mesquinha desenhe quem sou diga
que sou coisa boa se não boa outra se não freira monja hades lúcido
marte júpiter bela das bela a mais miserável miséria maiúscula
adjetiva verbal imperativa

INSTA



nataliemesse um homem me fita
colonizando meu corpo e atos
ha de chegar o dia
em que rompo essa película
e renasce o matriarcado
meu olhar vai trazer o peso
e a dor
de uma bala

9 DE AGOSTO DE 2017 · [VER TRADUÇÃO](#)

dezesete

diariamente,
tal qual todas as coisas,
existia.

o caminho era o mesmo.

caminhos,
religiosamente,
os mesmos.

todos os dias os mesmos tijolos.

[e um tijolo a mais que não fora visto antes]

todos os dias as mesmas pessoas,
usualmente com os mesmos estado de espírito

[uma pessoa a mais, um humor a mais]

aos dezessete
olho a face do velho
todo esse misticismo
de passar pela vida
abandonar ou viver sonhos
decisões
subsequentes
consequências
subsequente
consciência
produto de tudo
produto do tempo
as histórias contidas
na calosidade das mãos

tudo isso me consome.

não visualizava minha vida adiante.
não sabia o que era morte.
até então.

as pessoas
trabalham
escravista
beleza
do labor.

pessoas
comem
e fodem
nauseante
beleza
da
miséria.

na minha frente,
um vestido rosa delimita
a mulher
cuja as tetas sobrepõe o estômago.

ela me encara.
eu me incomodo.
temo.
tenho medo de sê-la
e de certa forma desejo.
essa sensação de inteireza que me passa
minis certezas que norteiam e confortam.
ela me olha penalizada,
pela minha aparente pouca idade
e dimensão do meu corpo.

usualmente as pessoas se/me questionam
se sonho outro corpo
se sonho outra vida,
algum outro ônibus,
enquanto eu só sonho.

[...]

a cidade se compõe de espaços
que se descrevem em diferentes cores
fontes
formatos.



dezesete

espaços são reconhecidos
tal qual suas respectivas placas:
bares são bares e vendem alívio;
hospitais são hospitais vendendo vida
vendendo morte;
escolas são escolas vendendo anseios;
lojas são lojas e vendem promessas.
Aos dezessete pensei:
pudera as pessoas
usarem suas placas
e serem pessoas.

mas não somos.

pagamos com vida,
com o couro
e com lágrima,
expiando pecados,
edificando uma moralidade
que se quebra,
ri e cospe em nossa cara,
em nome de Deus
em nome do estado,
revistam a buceta
das mulheres
que choram sobre corpos confinados

marcados pela escara de percevejo

aquele cheiro de mofo
eu nunca me esqueço.

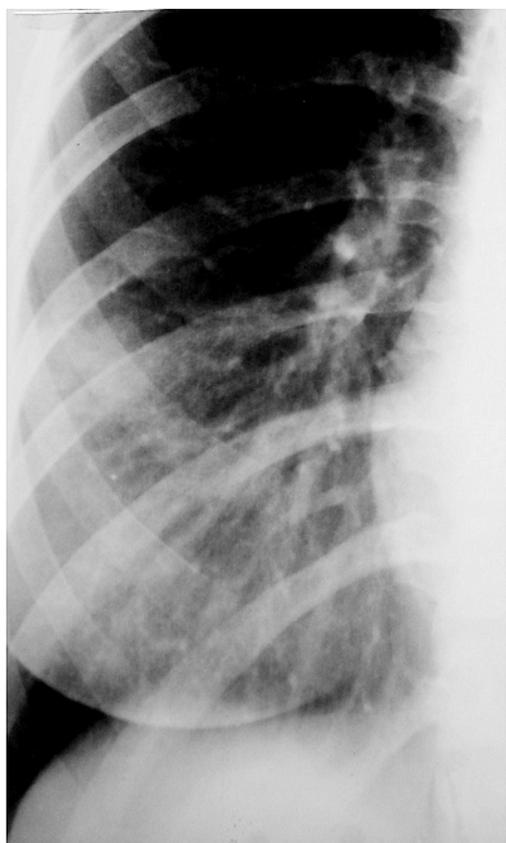
chego nesse espaço escola
nunca sou boa
desenho, invento,
números, línguas, universos,
teorias pitorescas
frases de efeito

roupas indicam quem não sou
meus pensamentos
a forma como expresso
a forma como toco o mundo
evidencia alguém,
que precisou sonhar.

a prova de física é hoje,
meu avô desfalece em meus braços
falece n'outro espaço minutos depois,
meus amigos sentem pena e dizem sobre seu novo amor.

eu não consigo me identificar com o amor que eles sentem

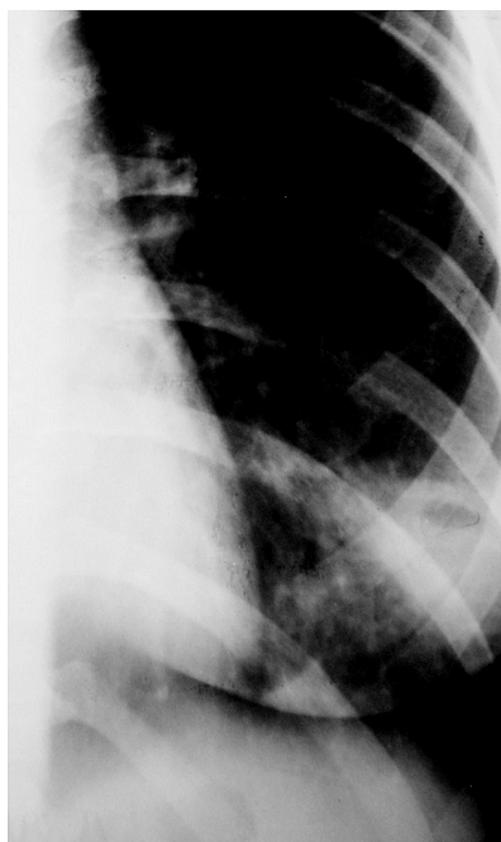
DEZESSETE.



não
era
raiva
pela
primeira
vez

era alívio

então
disse
oi



H

esse é o mundo
agora

compartilhamos

não mais como um
mas sim somos o todo

não há plural
palavras
terminadas

"s"

"eis"

"ois"

'''

...

nós somos
sempre parte
de algo
inteiro
non-anything
everything
e por isso
por muito tempo
me senti grata

hoje me sinto parte

você

eu

e todo o universo
bilhões de sóis que morrem
e nascem
através dos tempos
somos compostos
e componentes
cena
e cenário
daquilo
que chamamos

amor

a calma é ruidosa

chinelos na varanda
arrastando
piso de madeira
rangendo
poeira do quintal de terra,
levantando
dedos no caldo da fruta passada,
grudando

lamber a vida aos goles caninos
cães que uivam pra lua,
lua que dança com a gente

calmaria da madrugada:
desata pensamentos
mas irrompa o silêncio
fure dentre a base,
derreta pausas pelos vértices,
derrama teu ruído em nossas faces.

isso é quase uma prece

A blue diagonal line segment starting from the lower-left and extending towards the upper-right.

wabi sabi

beleza
rachando o tempo
risca
finas linhas
finas linhas delicadas
- não frágeis
no rosto da vida

dedilha
o rosto
da morte

melancolia
agridoce
da
impermanência

constância
nos
seus
ciclos
naturais

orvalham meus olhos
refletindo a luz do mundo
penetra por dentre
a carne estriada

(e se cada planeta fosse uma gota de orvalho)

copo d'água cai no quintal
borrei o batom
uma perna dormiu
meus cabelos no ralo
unha pelo caminho
tudo continua
flor
e eu indo

lugar nenhum

“there is NO utopy like a home
there is no home like a utopy”

(tilintando nos ouvidos nos caminhos pra casa)

rasguei o céu
é tudo sombra
somos átomos
na corrente sanguínea
do universo

que honra.



tantas coisas contêm em si
o acidente de perdê-las